Motriz, Rio Claro, v.9, n.1, p. 59- 63, jan./abr. 2003

Esporte, Relações Sociais e Violências

Fernando Augusto Starepravo
Fernando Marinho Mezzadri
Universidade Federal do Paraná /CEPELS Curitiba PR

Resumo - Este estudo foi realizado com crianças e adolescentes da cidade de Curitiba, praticantes de atividades esportivas, analisando aspectos da violência física, simbólica, utilização de drogas e suas relações com a prática esportiva. Evidenciamos também o estudo da violência e suas interfaces com o esporte, partindo da perspectiva da história do esporte e do desenvolvimento da sociedade, sob a ótica da teoria da sociologia figuracional de Norbert Elias. Analisando os dados pesquisados, verificou-se que as crianças e os adolescentes mantêm um certo controle das emoções e das expressões de violência física e simbólica fora da situação de jogo. Porém, durante a prática esportiva é comum que elas se envolvam em situações de violência, com discussões, ameaças verbais e até mesmo agressões físicas. Através desta constatação, podemos afirmar que o autocontrole das crianças e adolescentes na prática esportiva nem sempre ocorre de maneira mais adequada, pois a violência faz parte da configuração destes praticantes.

Palavras-chave: violência, esporte, sociedade.

Sport, Social Relation and Violence

Abstract - This study involved children and teenagers from the city of Curitiba, which developed sport activities, analizing aspects of phisical and simbolic violence, the use of drugs and their relacionship with sport activities. We also showed evident violence study and its interface with sports, from the point of view of sport history and social development, according to Norbert Elias theory. The study demostrated that children and teenagers keep some control of the emotion and violence and fisical expression while they are not practicing sports. Nevertheless while practing sports they often get envolved with violent situations, as arguing, verbal menace and even fisical aggressions. Basically on this study we can confirm that the self-control of the children and teenagers in practing sports doesn't happen always as a better way, since the violence takes part of practising configuration.

Key Words - violence, sports, society.

Introdução

Este estudo foi realizado com crianças de 10 a 14 anos da cidade de Curitiba, praticantes de atividades esportivas, analisando aspectos da violência física, simbólica, utilização de drogas e suas relações com a prática esportiva. Foram entrevistadas cerca de 300 crianças e adolescentes praticantes de atividades esportivas na Universidade Federal do Paraná e nas 11 regionais da Prefeitura Municipal de Curitiba (Ruas da Cidadania).

Discutiremos o estudo da violência e suas interfaces com o esporte, partindo da perspectiva da história do esporte e do desenvolvimento da sociedade, sob a ótica da teoria da sociologia figuracional de Norbert Elias. Assim discutiremos no texto o surgimento do esporte moderno; o controle da violência; a inserção do Esporte no controle e autocontrole das ações humanas; e por fim apresentaremos alguns dados sobre a pesquisa realizada com crianças praticantes de atividades esportivas da cidade de Curitiba.

Desenvolvimento

Os esportes integram vários tipos de competição que envolvem força física ou simbólica. Para reduzir os riscos de danos aos adversários existem regras que obrigam os competidores a tomarem determinadas atitudes. As regras

existem para manter as práticas sob controle, buscando uma diminuição dos níveis de violência.

A transição dos passatempos ou atividades de lazer à esportes, ocorrida na sociedade inglesa em meados do século XIX, encontra-se relacionada ao desenvolvimento da sociedade sob uma perspectiva global, no sentido que os ciclos de violência abrandam, e os conflitos de interesses eram resolvidos de um modo que permitia aos principais contedores de poder governamental solucionarem suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras acertadas por ambas as partes.

Os ciclos de violência são configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua, passando cada um a assumir como natural o fato de um de seus membros poderem estar armados ou serem mortos pelo outro grupo caso este tenha a oportunidade e os meios para fazê-lo. Para acabar com estes ciclos de violência surgiram regras acordadas por ambas as partes, dentro de um período de longa duração, onde os grupos políticos rivais se respeitavam e entregavam o poder pacificamente aos adversários, surgidas a partir do medo de extinção mútua decorrente da violência. Durante este período, as tensões mantinham-se muito altas e a necessidade ou o medo de destruição mútua trouxe uma nova forma de governo onde os adversários deveriam respeitar as regras formuladas por eles para a conquista do poder.

Com o passar do tempo, os grupos políticos perderam gradualmente a sua desconfiança, desistindo da violência e respectivas técnicas, passando a desenvolver novas competências e estratégias exigidas pelo confronto não violento. As técnicas militares deram lugar às técnicas de debate, a retórica e a persuasão, exigindo um maior autocontrole, caracterizando um avanço da civilização.

Esta maior sensibilidade quanto à utilização da violência, refletida nos hábitos sociais dos indivíduos, encontrou também expressão no desenvolvimento dos seus divertimentos. O nível de violência aceita pela sociedade haviam mudado. Neste sentido, verifica-se paralelamente ao processo de parlamentação das classes políticas inglesas, a desportivização de seus passatempos.

A partir deste momento, não era mais aceitável socialmente que o indivíduo cometesse atos violentos, cabendo ao Estado o controle e o uso da violência. O controle da violência interna e sua representação externa, ficavam nas mãos dos militares, os verdadeiros representantes do Estado para coibir a violência física. A presença do Estado no cotidiano das pessoas foi sendo constituída de forma lenta e gradual, passando também pelas relações sociais existentes entre os homens.

O desenvolvimento social está intimamente relacionado à presença do Estado, já que os mesmos constituem-se em redes de interdependência, onde a formação do Estado depende do grau de complexidade nas suas estruturas, do estágio das relações humanas da sociedade e vice-versa. Com o processo de civilização avançando nas sociedades ocidentais, as relações humanas tornaram-se gradativamente mais complexas, ampliando a disputa de poder através do parlamento, do jogo e não mais por intermédio da violência física.

As relações de interdependência existentes mantêm viva a proximidade entre o nível de violência permitida na sociedade e as práticas esportivas. Contudo, o que caracteriza o esporte moderno para Elias são as aplicações das regras, coibindo toda e qualquer ação mais violenta. Mesmo em modalidades esportivas nas quais o contato físico é mais freqüente, como o boxe e o jiu-jitsu, as regras pré-determinam muitas das ações dos praticantes. Por exemplo, quando um boxeador faz um ato não permitido pela regra, como aplicar um golpe abaixo da linha da cintura, automaticamente o atleta é punido com perda de pontos. Para muitos, o contato físico entre os praticantes caracteriza-se como ato violento, mas é socialmente permitido; para outros trata-se apenas de uma modalidade esportiva.

Além desta relação entre as práticas esportivas e suas regras, observamos que o nível e as formas da violência na atualidade tomam outros rumos, principalmente se considerarmos que a violência física está cada vez mais monopolizada pelo Estado. Na medida em que esse monopólio é estável e eficaz, a divisão do trabalho pode aumentar, isto é, as cadeias de interdependência se alargam. Com o aumento da complexidade das relações sociais, se torna cada vez mais necessário um controle efetivo por parte do Estado. O monopólio da violência por parte do Estado e o alargamento das cadeias de interdependência exercem um processo civilizador. Isso porque o Estado tem a capacidade de reprimir atos violentos, bem como o aumento da cadeia de interdependência exige um maior autocontrole dos indivíduos. Uma sociedade assim é altamente

competitiva, já que esta complexa divisão do trabalho gera a possibilidade de que os papéis sejam fixados muito mais pelos resultados do que meramente por atribuições. Este aumento da competição leva a um aumento da rivalidade e da agressividade. Porém, os padrões vigentes na sociedade, bem como o monopólio do Estado em utilizar a força física, não comportam as ações diretamente mais violentas. A violência então se canaliza para contextos sociais específicos, como os esportes e os crimes, ou então é manifesta de outra forma que não seja a forma de violência física.

Neste sentido, há um outro tipo de violência, a simbólica. Este tipo de violência não é física, mas é de comportamento, podendo ser verbal, pelas ações das pessoas, ou ainda pela discriminação racial, sexual ou religiosa que existe na sociedade. Trata-se de ações abstratas de superioridade de uma pessoa ou grupo sobre o outro. Para melhor estudar o fenômeno da violência, Eric Dunning propõe uma distinção quanto suas formas:

> 1. Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física direta ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais.
> 2. Se a violência apresenta a forma de um jogo ou simulação ou se ela é série ou real. Esta dimensão pode também ser apreendida através da distinção entre violência ritual ou não ritual, embora se tenha de assinalar que, com o devido respeito a Marsh e aos seus colegas, ritual o jogo pode possuir um conteúdo violento.
> 3. Se uma arma ou armas são utilizadas ou não.
> 4. No caso de as armas serem utilizadas, se os atacantes chegaram a estabelecer contato direto.
> 5. Se a violência é intencional ou a conseqüência acidental de uma seqüência de ações que, no início, não tinha a intenção de ser violenta.
> 6. Se si considerar a violência iniciada sem provocação ou como sendo uma resposta, retaliação a um ato intencionalmente violento, ou sem a intenção de o ser.
> 7. Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infração dos padrões sociais aceites.
> 8. Se a violência toma uma forma racional ou afetiva, isto é, se é escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização de um objetivo dado, ou subordinada a um fim em si mesmo emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceitualizar esta diferença seria distinguir a violência nas suas formas instrumentais e expressivas. (DUNNING, 1992, p. 330)

Esta concepção de Dunning faz a relação entre os níveis de violência presentes na sociedade, que podem estar presentes nas práticas sociais, entre elas a ações dos indivíduos nas práticas esportivas.

Partindo deste referencial teórico, apresentamos a seguir a pesquisa realizada com crianças e adolescentes de 10 a 14 anos, da cidade de Curitiba, praticantes de atividades esportivas, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná e nas Ruas da Cidadania.

Durante aproximadamente seis meses percorreu-se os projetos de extensão desenvolvidos pelo Departamento de Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos da UFPR, os projetos da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Curitiba nas suas 11 regionais (Ruas da Cidadania), realizando uma pesquisa com crianças de 10 a 14 anos praticantes de atividades esportivas regularmente. A pesquisa foi realizada com cerca de 300 crianças e adolescentes, contendo um questionário com 93 itens, separados em cinco blocos distintos.

No primeiro bloco tratou-se sobre a situação familiar da criança, como renda salarial, com quem mora, condições de moradia, de emprego e grau de estudo dos pais. No segundo bloco verificou-se a relação entre a escola e a violência, com destaque para agressões verbais, discriminação social, sexual e racial. O terceiro bloco tratou sobre a relação entre a família e a violência, com aprofundamento sobre as questões de agressões físicas e verbais entre os membros da família. O quarto bloco destinou-se a saber quais eram as atividades realizadas nas horas livres e o envolvimento com drogas e bebidas alcoólicas. Por fim, no último bloco da pesquisa relacionamos o esporte com a violência, destacando as agressões físicas, verbais e as possíveis discriminações sociais que ocorrem durante uma atividade esportiva.

A discussão estará voltada principalmente aos resultados observados na relação entre esporte e violência, baseando-se na primeira categoria de análise da violência proposta por Dunning, relacionada à violência física e simbólica.

O que deixa transparecer no comportamento existente entre as crianças e adolescentes pesquisados é a naturalidade com que tratam as discussões e as agressões verbais e físicas. Aparentemente esse tipo de comportamento está incorporado na sociedade e se reproduz na prática esportiva de forma mimética. Isso fica mais evidente quando comparamos duas perguntas, uma sobre a ação do praticante no momento do jogo, a segunda o que ele faria quando estivesse jogando e recebesse uma falta mais violenta. Inicialmente perguntamos se já estivera envolvido em situações de agressões físicas, discussões, ameaças verbais ou algum tipo de discriminação durante uma prática esportiva. Quase a totalidade dos adolescentes respondeu que às vezes se envolve em discussões, alguns chegam a ameaças verbais e agressões físicas, mas no caso de algum tipo de discriminação isso raramente ocorre. Na questão seguinte perguntamos o que ele faria caso o adversário fizesse uma falta violenta. Nesta questão a metade dos entrevistados respondeu que ficaria quieta e a outra metade destacou que reclamaria com o colega. Percebe-se com as respostas que, fora da ação do jogo, existe um certo controle das ações, ou seja, um controle da violência física e simbólica, mas na situação de jogo a ação do praticante é da violência, com discussões, ameaças verbais ou ainda agressões físicas. Isso pode ser explicado pelo fato de que no convívio social, o monopólio da violência física por parte do Estado, aliado aos padrões sociais vigentes, que levam os indivíduos a ter um baixo limiar de repugnância quanto aos atos de violência, conduz as crianças a um maior autocontrole, de forma racional. A prática esportiva, por outro lado, permite certos atos de maior violência, bem como constituem uma válvula de escape das tensões do dia-a-dia. Neste espaço social, elas têm oportunidade de externar suas tensões através da violência simbólica, e em menor escala, a violência física. Assim, podemos avaliar que o autocontrole das crianças e adolescentes na prática esportiva nem sempre ocorre de maneira mais adequada, pois as discussões e ameaças verbais fazem parte da configuração destes praticantes, bem como o esporte constitui um espaço onde estas atitudes são, até certo ponto, aceitas.

Considerações Finais

Não se pretende fazer uma conclusão definitiva da questão, mas levantar alguns subsídios para novas análises e aprofundamento da temática. A pesquisa mostrou que a violência ocorrida entre as crianças e os adolescentes durante as práticas esportivas em Curitiba é uma reprodução da violência instaurada na sociedade. A relação de interdependência entre o estágio atual da violência em nossa sociedade com as práticas esportivas ficou explícita nas respostas obtidas junto aos entrevistados. Portanto, verificou-se na pesquisa que o esporte isoladamente não coíbe a violência social representada na configuração dos praticantes esportivos.

Assim, a rede de interdependência deve ser compreendida na sua totalidade, não se podendo entender apenas as ações dos praticantes esportivos separadamente de outras ações sociais, principalmente no que se refere à violência física e simbólica (MEZZADRI, 2002).

Referências

ELIAS, N. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Edições 70, 1970.

_____. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. v. 1 - 2 ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador:** formação do Estado e civilização. v. 2 - 2 ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

_____; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FISCHER, T. **Poder local:** um tema em análise. Poder local: governo e cidadania. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1993.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. **Norbert Elias:** a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HOLT, R. **Sport and the British.** a modern history. Oxford. Clarendon Press - Oxford, 1989.

MEZZADRI, F. M. A estrutura do esporte paranaense: da formação dos clubes a situação atual. **Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, 2000.

_____. Esporte e violência. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação Física_Esporte, Lazer e Dança,** 8. Ponta Grossa, 2002.

MOSQUERA, M. J.; LERA, A.; SÁNCHEZ, A. **Noviolencia y deporte**. Barcelona Es: INDE Publicações, 2000.

REES, R.; MIRACLE, A. C. **Sport and social theory.** Champaing - Illinois: Human Kinetics Publishers, 2nd. Edition, 1986.

ZALUAR, A. O esporte na educação e na política pública. **Revista Educação & Sociedade.** Campinas, Ano 12, abril. Papirus, 1991.

HEDMAN, R. Intermittent muscular work. **Acta. Physiol. Scand.,** v. 48, p. 448-453, 1960.

Endereço:

Fernando Augusto Starepravo

Rua Pedro Huk, 46 Bairro Uberaba

CEP 81550-230 Curitiba-PR

(41)267-3386 e (41)9614-9176

e-mail: f_starepravo@pop.com.br

Manuscrito recebido em 30 de outubro de 2003.
Manuscrito aceito em 11 de fevereiro de 2003.